

Três poemas de Max Aub

Three poems by Max Aub

Tradução de Vássia Silveira¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Os três poemas traduzidos do espanhol² e aqui apresentados fazem parte do *Diario de Djelfa*, de Max Aub (1903-1972). O livro reúne poemas escritos durante a 2ª Guerra Mundial, a maioria do período em que o autor esteve preso no campo de concentração de Djelfa (1941-1942), na Argélia; e foi publicado por Aub em 1944, nos primeiros anos de seu exílio no México. A primeira edição do livro reunia 27 poemas, um prólogo assinado por Max Aub e seis fotografias tiradas no campo de Djelfa, duas delas retratando o próprio Aub. Em 1970, com aprovação do autor, a editora Joaquín Mortiz lançou uma nova e ampliada edição do livro. Nela foram mantidos o prólogo e as seis fotografias; e acrescentados outros vinte poemas, publicados originalmente na revista *Sala de Espera* (1948/1951) – totalizando 47 poemas, organizados de forma cronológica: o primeiro deles, *Alta calandria fija*, com data de 4 de maio de 1941, quando Aub era prisioneiro do campo de Vernet, na França; e o último, *Mal día*, de 8 de julho de 1942, quando a caminho do México foi retido por algumas horas em Oujda, cidade marroquina na fronteira com a Argélia. Na Espanha, como marca do apagamento resultante da ditadura do general Francisco Franco (1939-1975), *Diario de Djelfa* só foi publicado em 1998. Para marcar a postura política frente a esse silêncio na história da recepção do texto na Espanha franquista e também no período de transição para a democracia, a tradução tomou como base a edição de 1988, publicada em Valência, na coleção de poesia das *Edicions de la Guerra & café Malvarrosa*, dirigida por Vicent Berenguer e Toni Moll. Organizada por Xelo Candel Vila, que também assina o texto introdutório, a publicação é fiel à edição mexicana de 1970, aprovada por Aub.

¹ Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina e, atualmente, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na mesma instituição. Email: vassia@uol.com.br.

² A tradução dos poemas do *Diario de Djelfa* foi objeto de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Sobre o resultado da pesquisa, importa ressaltar que o desafio assumido na tradução foi o de reconhecer e caminhar entre a estranheza provocada pelo outro – em sua língua e cultura – e aquela motivada pelas peculiaridades inerentes ao gênero poesia buscando alternativas para manter a carga testemunhal dos poemas.

<p>1. ALTA CALANDRIA FIJA</p> <p>Alta calandria fija que trajiste las albas, clavillo pasajero que tienes sostenida, abrazadera viva, a la luz trasvolada.</p> <p>Inventora del gorrión y del verderón, son de futuros ardores, alta calandria en pío, si cantas amores no te entenderemos, no.</p> <p>Clarín matador del frío, estrella de la mañana, punto comenzal del sol, gozne gozoso del día y botón del si bemol; despierta de los esclavos, son de futuros ardores, quicial alado de voz: si cantas amores no te entenderemos, no.</p> <p>(9-5-1941)</p>	<p>1. ALTA CALHANDRA FIXA</p> <p>Alta calhandra fixa tu que trouxeste as albas, cravinho passageiro que tens sostenido, abraçadeira viva, sob a luz transvoada.</p> <p>Inventora do pardal e do verdilhão, som de futuros ardores, alta calhandra a piar se cantas amores não te entenderemos, não.</p> <p>Clarim matador do frio, estrela da manhã, ponto começo do sol, gonzo gozoso do dia e botão do si bemol; desperta dos escravos som de futuros ardores, engonço alado de voz: se cantas amores não te entenderemos, não.</p> <p>(9-5-1941)</p>
--	--

<p>6. A ANTONIO CAAMAÑO</p> <p><i>En su traslado del campo de Vernet a la cárcel de Castres.</i></p> <p>Barbas: los hijos de puta no pierden su condición, que quien nace maricón no cambia, vivo, de ruta.</p> <p>Cambias campo por grilletes porque ya las alambradas son cárceles muy delgadas para tan buenos jinetes.</p> <p>Todo es ruido de cadenas para el miedo y los fantasmas. Pierdes menos libertad</p>	<p>6. A ANTONIO CAAMAÑO</p> <p><i>Em sua transferência do campo de Vernet à prisão de Castres.</i></p> <p>Barbas: os filhos da puta não perdem sua condição pois quem nasce pra bundão de rumo, vivo, não muda.</p> <p>Trocas campo por correntes porque os arames farpados são cercos muito delgados para tão nobres ginetes.</p> <p>Tudo é ruído de grilhões para o medo e os fantasmas. Perdes menos liberdade</p>
---	--

<p>Por más, que no son las trenas las que salvarán los Viazmas, ni piedras vencen verdad.</p> <p>(13-11-1941)</p>	<p>Por mais, pois não são as prisões as que salvarão os Viazmas, nem pedras vencem verdade.</p> <p>(13-11-1941)</p>
---	---

<p>16. OTRO ECO</p> <p>En la noche los hombres en el suelo ateridos y tosiendo. Ladran perros a lo lejos. Noche llena, entraña negra, frío de adentro, frío del cielo que cae lento.</p> <p>Prohibido hacer fuego. Las estrellas son de hielo.</p> <p>Los hombres tosen; como si contestaran, los perros ladran a lo lejos. Lúgubre juego.</p> <p>(21-2-1942)</p>	<p>16. OUTRO ECO</p> <p>À noite os homens no chão rígidos e tossindo. Ladram cães ao longe. Noite cheia, entranha negra, frio adentro, frio do céu que cai lento.</p> <p>Proibido fazer fogo. As estrelas são de gelo.</p> <p>Os homens tosem; como se respondessem, os cães ladram ao longe. Lúgubre jogo.</p> <p>(21-2-1942)</p>
--	---